

INTRODUÇÃO

Padre Vieira pregou em 1644, na Capela Real, um sermão que poderia chamar - pretendentes e pretendidos. Como temos aqui um caso de pretendido, somos determinados por admiração, apego, carência de melhor tino, seguir em paráfrase ao Ministro **Cid Flaquer Scartezzini** e a Vieira. Diz este aflorando a questão: "...em todo reino bem governado não devem os homens pretender os ofícios senão os ofícios pretendem os homens... quando os homens são os que pretendem os ofícios e não eles aos homens, tão fora está esta multidão de acrescentar autoridade ao ofício, que antes se desacredita a si e a ele." Ao sermonista seguimos pela beleza dos escritos e pregação, ao Ministro seguimos por tudo isso, e testemunhamos ser um pretendido.

Vejamos a base que serviu de espeque ao Ministro. Família simples e trabalhadora. A mãe, D. Haydéa, uma conselheira acolhedora e adorável. O pai, Dr. Carmelino, odontólogo e dicionarista de termos odontológicos e de sinônimos, além de pesquisador e perito, tudo isso pioneiramente. Fundou assim, bases nos valores da vida moral, intelectual e religiosa, na família e como aluno do Colégio Marista. Já aposentado lembra dos pais e do colégio "grande parte deste triunfo se deve à formação que recebemos". Conclui cheio de gratidão.

Como identificar um pretendido? Vieira diz que eles são dissentâneos, esquivos, arredios aos cargos, dissimulantes como Moisés pretendido para libertador dos hebreus no Egito, diz não servir, alega por fim até ser tartamudo. Davi era o mais novo, era pastor de ovelha; Saul cuidava de mulas; Gideão cuidava do gado; José, filho de Jacó, era tão novo que ficava em casa, quando pretendido recebe a inveja e a ira dos irmãos. Já nos tempos modernos, Winston Churchill, indicado Primeiro-Ministro pelo rei Jorge V, em meio ao revés da II Guerra, diz perante a Câmara dos Comuns: "Nada tenho a oferecer-lhes, senão sangue, trabalho, suor e lágrimas". Obtém votação unânime. Encontramos nosso pretendido já advogado recém-formado, bem instalado, clientela boa, professor aclamado e querido, em campanha para vereador. Fizemos-lhe, hoje, esta pergunta - O Sr. se elegeu vereador, a sua campanha teve slogan, cabo eleitoral, comícios inflamados, distribuição de santinhos, almoços, jantares, promessas? Disso passo ao leitor dois informes: como proceder para ganhar uma eleição honestamente, e, o remeto a matar a sede por inteiro.

Ao revelar com brandura um tempo pitoresco de que guarda boas lembranças diz: "Costumo dizer que no meu tempo os ladrões eram românticos. O ladrão queria o dinheiro e o bem de forma ilícita, mas a maneira de obter era outra, ele se vangloriava em dizer 'eu nunca na vida pus a mão em uma vítima'. Era o mão-leve, sem machucar, sem ferir". Romântico, mesmo assim, era o advogado, o vereador guerreiro do primeiro impeachment do Brasil, deixando o parâmetro para outros até nossos dias. É neste momento que aparece no pretendido da magistratura, a chancela comum dos outros exemplos, quando vem o advogado do prefeito cassado e lhe diz:

Você nasceu para ser juiz. Você tem tudo para ser juiz - pelo seu procedimento é que vim cumprimentá-lo. Vim abraçá-lo, porque você conduziu esse processo de forma, extraordinariamente, bela... Eu fui juiz.

As dificuldades aparecem. É o ofício pretendente de um lado e o indicado pretendido de outro. Este ganhava como advogado seis vezes mais que ganharia como juiz. Mas resignadamente abandona a advocacia. Era de se esperar, pois, antes rejeitou continuar na função em um cartório onde era o herdeiro da verdadeira mãe-do-ouro, o Cartório de Imóveis de Santo André. Nesta época queria seguir a carreira de advogado, e assim fez. Nas contas o que perdeu. Pagava com aperto o aluguel de uma casa modesta, enquanto o rapaz que recebeu o cartório passou a ter uma casa com piscina. A imagem é de que o nosso pretendido da magistratura ao recusar continuar e ter um cartório com vida folga, à farta, ensandeceu, ao que muitos pensam. Mas o idealista age com visão, com intuição, que é alheia ao homem comum. Adianta, no ofício de pretendido da magistratura, talhou a forma imortal da civilização e do Direito. Assim, a nossa empreita parece tomar fôlego, mas muito ainda falta. Deste fato de conhecer a vida de alguém, reclamava Bertrand Russell: "leva-se uma vida inteira para conhecer a vida de um só homem."

A puro prazer, tenho por certo, muito o leitor ganhará em compulsar estas páginas de chofre em busca da resposta dada a esta pergunta sobre nomeação e corporativismo - a ascensão à magistratura nos tribunais superiores, vez outra, tem contado com protetores. Isso macula a tão ilibada função? Leia a posição na pg. 293.

São Crisóstomo e Pe. Vieira tomaram uma questão curiosa: Cristo ou Pedro quem era o melhor pescador - o primeiro foi grande pescador, porque do primeiro lanço pescou um pontífice e o segundo foi grande pescador, porque sem recolher o lanço pescou o pontificado. A magistratura pescou um magistrado, o magistrado pescou a magistratura no STJ. Contudo, é necessário saber como se porta no ofício. Diz ele que, o juiz não pode ser diferente de ninguém. Tem que ser o profissional mais humilde, não deve insistir na vaidade. "Austeridade, o juiz deve tê-la, mas, austeridade não significa cara feia, não significa virar as costas para os outros ... ame sempre, ame a todos...". Depois, conclui sorrindo - "a cara [a minha] é feia pela própria formação física."

Às palavras seguem as ações - *res non verba* - o juiz nos processos que mais o marcaram. Como julgou, como se sentiu. Um condenado por apropriação indébita; dinheiro da bilheteria da estrada de ferro - descrito como facinora. Entretanto, havia vendido tudo o que tinha; endividado, e, no desespero da doença, para salvar o filho, praticou o delito para a compra de remédio. Outro contrabandeou quinquilharia, por falha da legislação, julgado, cumpriu a pena. Em liberdade vai visitar o juiz que o condenou levando um presente - cinco maços de cigarros Hollywood e as palavras mais consoladoras que um juiz pode receber: "Dr. o Sr. salvou a minha vida, porque eu estava indo para o lado do crime. O Sr. me atendeu aqui muito bem, e ouvi com muita atenção tudo o que o Sr. me falou. A pena que o Sr. me deu foi muito certa, muito correta." Ao que conclui o

Ministro - Ele me deixou emocionadíssimo - Depois vim a encontrar esse homem, e ele venceu na vida. Deus deu a ele um destino completamente diferente e bom.

Mas ainda temos um homem preocupado com a cultura da 'consumocracia'; com a pobreza empurrando pessoas para a criminalidade; e, na autoridade um exemplo franciscano: "Isso é que a autoridade precisa aprender ... homem só é homem em sua verdadeira função quando serve."

Falando do ensaísta em *Nelson Hungria o Homem e o Jurista*, trabalho feito *in totum* com mestria de historiador, crítico e jurista. De Nelson Hungria trouxe o mourejar eterno nestas palavras "Vivo para o Direito Penal, acordo pensando em Direito Penal, almoço e janto com o Direito Penal e, finalmente, durmo com o Direito Penal...". Desvenda os segredos do grande penalista com intuição, estabelece diferença, separa, distingue, faz apreciações, julga, decidi, recria condições. Mostra ainda, o exemplo deixado do exímio poliglota falando perfeitamente o alemão, o francês, o inglês, o italiano, o espanhol, o latim; e, o conhecimento da cultura humanística e jurídica. Noutro ensaio *A Situação do Brasil quanto a Lavagem de Dinheiro Sujo*, o Ministro **Scartezzini** em advertência contra o totemismo do capital, a exemplo, cita Manoel Pedro Pimentel:

O fato-social, que a poucos preocupa, gera o fato-crime, que a todos impressiona... os comportamentos desviantes, tidos como aceitáveis nas altas camadas sociais, acobertados sob o nome de 'moral dos negócios' geram pelo contágio hierárquico condutas delituosas nas parcelas mais humildes, institucionalizadas como crime.

Desta feita, muito contribuiu para os fatos, hoje, em voga na mídia, como a questão do narcotráfico alçando domínios cada vez maiores. No Congresso uma comissão de inquérito apurando o que já fora denunciado há tempos. Esses ensaios aqui lembrados, estão incluídos integralmente neste livro.

Temos por fim, do nosso pretendido - a vida em família - o pai exemplar, o esposo amoroso, o avô envolvido - "Confesso que fui premiado por Deus. Tenho uma esposa magnífica e tenho filhos maravilhosos. Agora tenho netos também, que me envolvem."

Então, como nada nosso aqui veio crescer, pois seguimos em paráfrase ao sermoneiro de um lado e ao pretendido de outro. Afirmamos, por Rachel de Queiroz, diz ela que, não acredita, não gosta de prefácio ou introdução, porque se o livro é ruim não adianta! E, se o livro é bom, o prefácio ou a introdução é uma excrescência. E este livro é bom. Quanto à questão – quem mais ganhou: o ofício pretendente ou o juiz pretendido - fica a critério do judicioso leitor. Quanto a nós temos por certo quanto lucrou o ofício, uma vez que "... ficam autorizados os ofícios, quando eles são os pretendentes dos homens, e não os homens deles." É que o Ministro **Cid Flaquer Scartezzini**, quando se trata de homem certo e lugar certo, como nos diz os ingleses: "The right man in the right place."